

arma-zena-mento

por Dominique Schoeni

A Sofie, que sabe muitas coisas que desconheço

I

— Não é tão ruim, disse o gato apontando o nível da água. Daqui a pouco vai ser muito fácil capturar os peixes, que antes conseguiam se esconder entre as plantas.

— Você é elegante, mas pouco esperto, retorquiu o pato. Se o nível da água continuar baixando nessa velocidade, os peixes todos vão morrer, sim. Não aguentam a água morna, vão ficar na superfície, de barriga para cima. Nessa altura, se você chegar no momento certo, talvez terá a chance de encontrar umas peças frescas, se não forem disputadas entre seus congêneres. Tem alguns bem maiores do que você, boa sorte.

Ele proferiu a última frase em voz baixa, como se já se arrependesse desta provocação em relação a seu amigo.

— Em poucas horas terá aqui um cheiro de mortandade, como já aconteceu nas redondezas. E você pretende se alimentar dessas carnes pútridas...

— E você? respondeu o gato um pouco constrangido (tanto pelo elogio como pela sagacidade do pato), o que você vai fazer?

— Vamos ter de sair daqui. Mas é um desgosto para nós, patos, deixar o lago onde crescemos.

— Enquanto isso eu poderia comer você, sussurrou o gato com um sorriso lateralizado, que fez erguer os fios de seus bigodes.

— Não acho nenhuma graça nisso, resmungou o pato, que de repente se afastou instintivamente da borda da lagoa.

Suas patas estavam grudadas na água, que havia se tornado pastosa em vários lugares, devido à subida da lama.

— Há tanto tempo que nos conhecemos, pensava que isso estava claro entre nós. Se não podemos mais conversar tranquilamente!

— Os tempos mudaram, disse o gato, antes de retificar a posição de sua cauda ao redor de suas patas. Caso não haja mais peixes ou patos (para bater um papo), se você voar para Deus sabe onde, se continua a fazer tanto calor, se...

O pato balançava suavemente a cabeça.

— Seja razoável... Pouco antes, você se regozijava insensatamente numa hecatombe de peixes. Depois você se ofereceu para me comer. Agora você está descrevendo um cenário catastrófico...

O gato desdobrou sua cauda e a bateu no chão várias vezes. Ele não estava mais sorrindo. Não é fácil perder um amigo, pensou. Você pode voar, voar longe de mim, encontrar outro lago (um lago maior, que não terá secado). Para eu encontrá-lo, não será fácil.

Um momento depois, ele não sabia mais se havia dito estas palavras ou não.

O pato estava pensativo. Ele tinha ouvido ou não? Ele parecia tê-lo compreendido, sim.

— Talvez você esteja com depressão, cogitou.

II

Amanhã chegou, voltou o gato. Tudo parecia igual, mas não era. O nível da água havia caído ainda mais, a lama estava aflorando em muitos lugares.

O pato estava lá, e deu alguns passos em direção a seu amigo. Apenas *alguns* passos, com as palmas aderindo a essa mistura de água e de lama, num lugar onde antes deslizava sem esforço pela superfície. A não ser que, lembrando-se da conversa do dia anterior, ele tivesse começado a desconfiar de seu amigo. A ideia de comê-lo não era insignificante.

Nunca se sabe. As pessoas ficam deprimidas, daí se comportam de forma estranha. Algumas surtam. Com a seca, neste tempo imprevisível, tornou-se a condição de muitos.

Mas talvez ele não estivesse pensando nisso tudo, talvez só quisesse esconder seu desconforto ao aparecer nesta postura desvantajosa.

O gato sempre tinha sido elegante, e embora devesse sofrer também com o calor, as asperezas da seca não tinham alterado seu passo ágil e suave, sua maneira graciosa de sentar-se, acomodando sua cauda em torno de suas patas. Assim pensou o pato.

O gato não lhe tinha enxergado imediatamente, a menos que não o tivesse reconhecido. Em suas tentativas de mover-se no que sobrava do lago, o pato não era mais branco. Sacudindo suas patas para tirá-las da lama, esta salpicava-lhe a plumagem, nas suas costas e no seu pescoço, até por cima de sua cabeça. Era difícil livrar-se dela: não havia mais água, ou, quando havia, era da mesma cor da lama.

— Tudo bem? perguntou o gato.

— Tudo bem, respondeu o pato.

— Vocês vão viajar? disse o gato.

— Estamos nos preparando, respondeu o pato. É complicado.

Um pouco envergonhado com a pergunta, senão por seu próprio despreparo e a péssima situação em que ele e seus semelhantes se encontravam, ele tentou desviar a conversa.

— Olha, os peixes que você mencionou ontem, há muitos deles ali, do outro lado do lago. Onde não vou mais. Não recomendaria comê-los, você vai ficar doente. Ou você tem que vir muito mais cedo. Mas mesmo assim, é sem garantia.

O gato lançou-lhe um olhar um pouco embrumado.

III

— Antes havia humanos aqui, disse o esquilo.

— Será? indagou o gato. O que então eles encontravam para comer?

— Aqui eles não comiam, respondeu o esquilo.

— Eles não comiam... Eles não comiam? repetiu o gato duvidoso.

— Eles não comiam *aqui*, respondeu o esquilo, com a firmeza daqueles que estão convencidos da própria erudição – senão da ignorância de seus interlocutores. Eles comiam num outro lugar. Os humanos não comem em qualquer lugar como nós, quando encontramos algo intransportável, ou perecível, que não seja adequado para o armazenamento.

O gato foi pego de surpresa pela resposta. Não pela sabedoria do esquilo: sua própria ignorância lhe dava poucos motivos de surpreender-se com o conhecimento dos outros. De que adiantaria saber tantas coisas sem nenhuma utilidade para ele? Aliás, ele percebia o esquilo como uma espécie de *voyeur*, um fofoqueiro, sempre colocado nas árvores mais altas, onde ele nunca se aventuraria, por medo de não conseguir descer e ser gozado por todos. Ou pior ainda: cair e quebrar a coluna. Ele tinha ouvido falar dessa história das sete vidas de gatos, mas não acreditava nela.

Não, o gato foi pego de surpresa pela ideia mesmo de armazenamento. *Arma - zena - mento*, repetiu murmurando.

— Você é bizarro! disse ao esquilo.

— Por quê?

— Você quer carregar sua comida, conservá-la. Você faz isso? Para que? Quando encontro comida, eu como. Comida não se guarda. Pergunta ao pato, ele lhe dirá sobre os peixes que flutuam na superfície, ali, do outro lado do lago, você não deve comê-los.

O gato se sentiu um pouco mais inteligente ao dizer isso, mas só um pouco porque percebeu que estava apenas repetindo as palavras do pato.

— Ah sim, falou o esquilo, talvez, sei lá, eu não como peixe. Aliás, não se conservaria nas minhas reservas. Iria até estragar o resto.

— Você tem reservas? perguntou o gato, que interessante!

— É vital, respondeu o esquilo seriamente.

De repente, o gato se sentiu profundamente imprevidente.

— Eu não estou armazenando nada.

— Você é menos humano do que eu, disse o esquilo. Os humanos fazem muitas reservas, em cada canto. Eu não. Coloco tudo em um lugar só.

— E onde é? quis saber o gato.

— *Top secret*, respondeu o esquilo. Isso é a última coisa que eu iria revelar. Fora do seu alcance, de todo modo.

Pois ele havia percebido um movimento estranho do gato, que não lhe inspirou nada de bom.

— Existem outras maneiras, disse o gato, dando aquele sorriso do lado esquerdo que ele havia dado na véspera, torcendo estranhamente a base de seus bigodes.

Logo o esquilo deu três saltos consecutivos, curvilíneos e prodigiosos, sem tomar nenhum impulso, para se colocar num lugar onde pudesse observar o gato com mais tranquilidade...

IV

Ele chegou ao cair da noite, através do grande pórtico de pedra. Ele não parecia estar muito bem, mas era alto. Ele era alto, mas não parecia ser muito mau.

— Boa noite, falou o gato.

— Salve, respondeu o cachorro.

— De onde você vem?

— Da cidade, respondeu o cachorro.

— Você viu humanos? Aqui tem um esquilo que me disse que...

— Você é novo aqui? interrompeu o cachorro.

Ele não era tão novo aqui (quando tinha chegado? Nem conseguia se lembrar), mas isso lhe irritou, todas essas perguntas, essas insinuações, primeiro o esquilo, agora esse cão. E seu amigo o pato, ele deve ter visto humanos, não? Ele lhe havia dito que tinha nascido no lago, o que deve ter acontecido muito tempo atrás (além disso, como nascem os patos? perguntou-se). Ele ia parecer ignorante novamente, mas era porque não lhe haviam dito, seu AMIGO o pato não lhe havia dito NADA – nada que poderia tê-lo salvo dessa nova humilhação.

— Se você nunca viu humanos, você não perdeu nada, disse o cachorro bondosamente.

O gato começou a gostar deste recém-chegado. Não para comê-lo, não. Não como o esquilo ou o pato. Ou apenas o esquilo. O pato, afinal, foi ficando tão sujo. Ele se imaginou cravar os caninos e sentir aquela areia toda sob seus dentes. O esquilo era uma opção. Não é

muito grande, mas está escondendo uma reserva, talvez antes de comê-lo ele poderia fazê-lo falar. O cachorro está fora desta lista. Ele parece amigável, e não se deixaria comer. Ele é grande.

— Por que não perdi nada? perguntou o gato saindo de seu devaneio.

V

No dia seguinte, o gato voltou para a beira do lago. O pato não estava lá, mas ele percebeu um movimento entre os caniços, lá do outro lado da lama. O gato escancarou a boca e lançou um “tudo bem?”. Apareceu uma ponta de asa acenando-lhe. Provavelmente estava a fazer as malas para a sua viagem, presumiu o gato. De qualquer modo, ele não ia tentar atravessar aquela lama toda – que começava a feder – sem certeza de conseguir sair de lá. Lembrou-se de histórias de areias movediças que o pato lhe tinha contado. Que lhe engolem sem que você possa fazer nada a esse respeito, e se se mexer pior ainda.

Melhor ficar na terra firme, pensou. Além do mais, ele avistou seu amigo o cachorro chegando perto do pátio, e foi ao seu encontro.

— Esqueci de me apresentar, disse então o cachorro. Meu nome é Edmund, mas meus amigos me chamam de Ed.

— Você tem amigos? perguntou o gato.

— Sim, enfim, eu *tinha* amigos, disse Ed.

O gato estava agora olhando o prédio atrás do seu interlocutor. Ele nunca tinha prestado atenção nisso antes.

— Era um museu, disse Ed enigmaticamente.

— Um o que?

O gato não tinha mais medo de parecer ignorante, enquanto fazia um novo amigo: se o pato está de saída, e se o esquilo o olhou de cima para baixo, ele precisava de um novo amigo.

— Um museu, respondeu Ed. Foi um lugar onde os humanos armazenaram muitas coisas.

— Conheço um esquilo que faz isso também, disse o gato. Mas ao contrário deste, fica num lugar muito bem escondido.

— Este era o Museu da República. Todo mundo sabia onde era.

— *Ré - pú - blí - cá*, balbuciou o gato. E isso se come?

— Acho que não, disse o cachorro com um sorriso.

— Neste caso, não é de nenhum interesse, concluiu o gato.

— Eu te conto isso outro dia, insistiu Ed.

VI

No dia seguinte, Ed voltou. Ele parecia mais cansado do que no dia anterior. Mas, ao ver o gato, surgiu-lhe um brilho no olho.

— Gato, queria te dizer, eu menti ontem, dizendo que você não perdeu nada por não conhecer os humanos. Então, digo isso em relação a mim, na verdade. Sou um cão, e os cães procuram os humanos. Seus mestres. Um cão sem dono já não é mais do que metade de um cão.

O gato tentou imaginar o que poderia ser a metade de um gato.

— E sabe, quando eu lhe disse que meus amigos me chamavam de Ed... foram os humanos que me chamaram assim. Por isso tenho um nome. Enquanto você não tem, é chamado apenas de *gato*. Se há um gato, tudo bem, mas se há vários gatos, não está claro quem é quem. Tudo fica muito confuso.

Confuso estava mesmo o gato.

O esquilo surgiu na ponta de um longo galho.

— Ei, os dois quadrúpedes! Ainda tagarelado? Isso não existe! Com ou sem nome, nenhum animal fala, vocês estão fora da realidade!

— Isso é um conto! protestou o cachorro. Num conto é possível! E mesmo se não é real, é para fazer pensar, fazer pensar até pessoas como você, animal!

— Um conto! Um conto! Deixem-me rir! O revisor nunca vai deixar isso passar, replicou o esquilo. Ele vai riscar todas as partes onde os animais falam. Não vai sobrar nada desse conto! Quem vai ficar interessado numa história de bichos deambulando num parque? Não faz sentido. Será ridículo!

O gato fez um salto lateral que mandou o esquilo de volta para sua árvore.

Mas o que realmente o preocupava eram as palavras de Ed.

VII

Ele o encontrou de novo no dia seguinte, deitado no que sobrava do gramado.

— Ed, somos menos a cada dia aqui, você não acha?

Ele tinha dito isto sem pensar, mas depois sentiu que tinha dito algo significativo.

— Sim, e os poucos que sobraram são cada vez mais inconvenientes. Os únicos que não falaram nesta história são os peixes, ocupados a sufocar nas suas águas lamacentas.

Dizer que Ed parecia exausto teria sido um eufemismo.

O gato acomodou sua cauda ao redor de suas patas. Ele tinha se tornado mais magro, mas pelo menos permanecia limpo, o que não se podia dizer de seu companheiro. A falta d'água estava afetando alguns animais mais do que outros, sem sequer mencionar aqueles do lago que havia se tornado quase inexistente.

— Você sabe, falou Ed, essa história de república, é mais do que...

— Sou um animal do deserto, cortou o gato. Não preciso de muita água.

— Do deserto? Onde fica seu deserto? São os humanos que te trouxeram aqui, replicou Ed irritado. Temos falta deles mesmo, porque são previdentes. Se eles te adotam, você nunca mais sentirá falta de nada.

— Nesse caso, estou disposto a ser adotado. Para que me tratem como um cão, disse o gato. Mas onde estão os humanos agora?

— Eles foram embora.

— Por causa da seca?

— Sim. Eles não esperavam isso.

VIII

O gato voltou no dia seguinte, mas Ed não apareceu.

Atingida pela seca, uma árvore havia caído, deixando o solo repleto de nozes.

O parque estava incrivelmente quieto e silencioso.

Lá, do outro lado do lago, três urubus levantaram voo.

Assim são as aves, pensou o gato. Elas vão embora por um sim ou por um não. Covardes.

Sobre as pedras abrasadas pelo sol, onde outrora havia uma cachoeira, um lagarto fazia exercícios físicos.

Nem todos parecem sofrer de calor, pensou o gato ao se aproximar.

— Por que você faz isso? perguntou. É ridículo!

— Manter a forma, para fugir mais rapidamente, respondeu o lagarto entre dois fôlegos. Com todos os brutamontes vagando por aqui, é vital.

Antes mesmo de terminar sua frase, o réptil já tinha se refugiado numa rachadura da rocha. Enxergava-se agora nesse esconderijo apenas seu olho preto, brilhante, observando ainda o gato.

— Paranoico! retorquiu este último. Com tal comportamento, como estabelecer uma relação de confiança mútua? De certo nunca será meu amigo!

O gato voltou para o meio da grama amarela e deitou-se, ajustando sua cauda ao longo do seu corpo. A terra aquecia-lhe a barriga, e o sol suas costas. Sentia-se bem.

Ebá! Nisso tudo, pensou, pelo menos aprendi a responder a esse tipo de pretensioso!

Ele esguichou os olhos, até quase fechá-los. E aguardou a volta da chuva.

Posfácio

Car@ leitor@, se não fosse um limite imposto ao texto, poderia ainda contar como a chuva voltou a cair, como o gato se tornou finalmente mais sábio e razoável, como o pato flutua de novo no lago cheio; perto do Ed sacudindo-se depois de mergulhar, e do esquilo, recém-saído do hospital com uma muleta e ocupado em recolher suas nozes espalhadas pelo

chão. Infelizmente, nada disso cabe aqui e a história teve que terminar lá em cima, deixando nossos amigos com muitas incertezas em relação ao futuro.